

Colson Whitehead

A estrada subterrânea

Tradução de Paulo Ramos

Para a Julie

Índice

Ajarry	11
Geórgia	21
Ridgeway	93
Carolina do Sul	107
Stevens	165
Carolina do Norte	175
Ethel	233
Tennessee	241
Caesar	279
Indiana	287
Mabel	351
O Norte	359

Ajarry

A primeira vez que Caesar propôs a Cora fugirem para Norte, ela respondeu-lhe que não.

Isto foi a avó dela a falar. A avó de Cora viu o mar pela primeira vez naquele final de tarde brilhante no porto de Ouidah e a água continuou a ofuscá-la durante o tempo que esteve nas masmorras da fortaleza. Ficavam nas masmorras até à chegada do barco. Os assaltantes daomeanos começaram por raptar os homens e depois, na lua seguinte, regressaram à aldeia para levar as mulheres e as crianças, acorrentando-as aos pares e obrigando-as a caminhar até ao mar. Ao olhar para a escuridão da soleira da porta, Ajarry pensou que iria juntar-se ao pai, ali no escuro. Os sobreviventes da sua aldeia contaram-lhe que, como o pai não conseguiu prosseguir a marcha forçada, os caçadores de escravos cortaram-lhe a cabeça e deixaram o corpo à beira do caminho. A mãe já tinha morrido há alguns anos.

A avó de Cora foi vendida diversas vezes ao longo do trajecto até à fortaleza, passou de uns negreiros para outros em troca de conchas de búzio e contas de vidro. Seria difícil dizer quanto pagaram por ela em Ouidah pois fazia parte de um grupo de oitenta e oito almas trocadas por sessenta caixotes de rum e pólvora, cujo preço subiu após o leilão habitual em Coast English. Todos os homens em boas condições físicas e todas as mulheres em idade fértil valiam mais do que as crianças, o que dificultava a contabilidade individual.

O *Nanny* zarpara de Liverpool e já fizera duas paragens ao longo da Costa do Ouro. Em vez de optar por uma

carga de cultura e natureza específicas, o comandante fez diferentes aquisições: quem sabia que tipo de motim poderiam os seus cativos preparar se partilhassem uma língua comum? Era o último porto do navio antes da travessia do Atlântico. Em sussurro, dois marinheiros louros arrastaram Ajarry para o navio; a pele deles era branca como marfim.

O ar nauseabundo do porão, a escuridão do confinamento e os gritos daqueles que estavam agrilhoados ao seu lado quase levaram Ajarry à loucura. Devido à sua tenra idade, os captores não descarregaram imediatamente nela os seus impulsos, mas alguns dos machos mais experientes acabaram por abusar dela durante as seis semanas da viagem. Tentou matar-se duas vezes durante a travessia até à América, uma negando-se a comer e outra por afogamento. Os marinheiros impediram-na em ambas, pois conheciam bem os esquemas e as manias dos escravos. Ajarry nem sequer conseguiu chegar à amurada quando tentou saltar pela borda fora. O seu ar tresloucado e aspecto lastimável, reconhecíveis em milhares de escravos antes dela, traíram-lhe as intenções. Acorrentada da cabeça aos pés e dos pés à cabeça, a sua figura era de uma miséria indescritível.

Embora tentassem que não os separassem no leilão em Ouidah, os outros membros da sua família foram comprados por comerciantes portugueses da fragata *Vivilia*, avistada quatro meses mais tarde à deriva a dez milhas das Bermudas. A peste dizimara todos os que iam a bordo. As autoridades atearam fogo à embarcação e ficaram a observá-la enquanto ardia e se afundava. A avó de Cora nunca soube do destino do barco e durante o resto da vida imaginou os primos a trabalharem para donos simpáticos e generosos no Norte, vendidos em leilões melhores do que os dela, a tecerem ou a fiarem, mas nada de trabalhos no campo. Nas suas histórias, Isay, Sidoo e os outros tinham conseguido comprar a liberdade de alguma maneira

e viviam como homens e mulheres livres na cidade da Pensilvânia, um lugar onde uma vez ouvira dois homens brancos a discutir. Estas fantasias serviram de conforto a Ajarry quando os fardos foram de tal ordem que a podiam ter desfeito em mil pedaços.

A avó de Cora voltou a ser vendida depois de passar um mês na casa de quarentena da ilha Sullivan, quando os médicos confirmaram que ela e o resto da carga do *Nanny* não sofriam de quaisquer doenças. Outro dia agitado no Mercado, pois um grande leilão atrai sempre uma multidão colorida. Comerciantes e proxenetas de todos os pontos da costa convergiram para Charleston; observaram os olhos, as articulações e a coluna da mercadoria como se suspeitassem de doenças venéreas e outras maleitas. Os espectadores deliciavam-se com ostras frescas e milho quente enquanto os gritos dos leiloeiros ecoavam pelo ar. Os escravos perfilavam-se nus em cima da plataforma. Houve uma licitação muito concorrida por um grupo de matulões ashanti, aqueles africanos famosos pela sua diligência e musculatura, e o capataz de uma pedreira de calcário comprou um grupo de miúdos a bom preço depois de muito regatear. A avó de Cora viu um rapazito no meio dos mirones a comer um chupa-chupa colorido e ficou a pensar no que estaria ele a meter na boca.

Pouco antes do pôr-do-sol, um homem comprou-a por duzentos e vinte e seis dólares. Poderia ter valido mais, mas naquela temporada havia excesso de raparigas. Vestia um fato feito com o tecido mais branco que alguma vez vira e nos dedos brilhavam-lhe anéis com pedras de diferentes cores. Sentiu o frio do metal na pele quando ele lhe apertou os seios para ver se ela ainda estava em flor. Marcaram-na, não era a primeira vez nem seria a última, e acorrentaram-na ao resto das aquisições do dia. Nessa noite, a cáfila iniciou a longa caminhada para sul, cambaleando atrás da carroça do comprador. Nessa altura,

o *Nanny* já ia a caminho de Liverpool, carregado de açúcar e tabaco. Ouviam-se menos gritos no porão.

Tantas vezes foi vendida, trocada e revendida ao longo dos anos seguintes, que poderíamos pensar que a avó de Cora estava amaldiçoada, mas na verdade os seus proprietários foram à ruína com uma frequência surpreendente. O seu primeiro dono deixou-se enganar por um homem que lhe vendeu um aparelho que limpava o algodão duas vezes mais depressa do que a máquina de Whitney. Os diagramas eram convincentes mas, no final, Ajarry acabou por fazer parte dos bens que o juiz mandou leiloar para liquidar as dívidas. Deram duzentos e dezoito dólares por ela num negócio feito à pressa, uma quebra de preço que ficou a dever-se às realidades do mercado local. Outro dono morreu de hidropisia e depois a viúva vendeu a propriedade, de modo a arranjar dinheiro para financiar o regresso à sua Europa natal, onde havia menos promiscuidade. Ajarry pertenceu durante três meses a um galês que acabou por a perder, tal como a outros três escravos e dois porcos, num jogo de *whist*. E assim por diante.

O preço dela foi flutuando. Quando se é vendido tantas vezes, aprende-se a prestar atenção. Não tardou a aprender a adaptar-se às novas plantações, a distinguir os rebenta negros dos meramente cruéis, os preguiçosos dos trabalhadores, os informadores dos guardas secretos. A classificar patrões e patroas segundo grau de malvadez, propriedades de diferentes dimensões e ambições. Por vezes, os agricultores pretendiam apenas levar uma vida humilde, mas também havia aqueles homens e mulheres que queriam possuir o mundo, como se se tratasse apenas de uma questão de ampliarem as suas propriedades. Duzentos e quarenta e oito, duzentos e sessenta e duzentos e setenta dólares. Para onde quer que fosse era só açúcar e índigo, excepto naquela semana em que esteve a dobrar

folhas de tabaco antes de voltar a ser vendida. Apareceu um comprador na plantação de tabaco à procura de escravas em idade fértil, de preferência com os dentes todos e de feitio dócil. Agora era uma mulher. Lá foi ela.

Ficou a saber que os cientistas brancos observavam as coisas para perceber como funcionavam: o movimento das estrelas ao longo da noite, o contributo dos humores no sangue ou as temperaturas ideais para uma boa colheita de algodão. Ajarry criou uma ciência a partir do seu próprio corpo negro e foi acumulando observações. Cada coisa tinha um valor e, à medida que este mudava, tudo o resto acompanhava a mudança. Uma cabaça estalada vale menos do que outra da qual a água não escorre, um anzol que segura o peixe vale mais do que outro que perdeu o isco. O estranho é que na América as pessoas eram coisas. Ninguém gastaria dinheiro num velho que não sobreviveria a uma travessia do oceano. Não faltam compradores para um jovem de uma tribo forte. Uma escrava nova pronta a reproduzir-se era como a galinha dos ovos de ouro, dinheiro que gera dinheiro. Se somos uma coisa — uma carroça, um cavalo ou um escravo — o nosso valor determina as nossas possibilidades. Ela ponderou qual seria o seu lugar.

Por fim, a Geórgia. Um empregado da plantação dos Randalls comprou-a por duzentos e noventa e dois dólares, apesar daquele novo vazio no olhar que lhe conferia um aspecto algo apatetado. Durante o resto da vida nunca mais saiu da terra dos Randalls; sentia-se em casa, nesta ilha à vista de nada.

A avó de Cora casou-se três vezes. A sua predilecção eram ombros largos e mãos grandes, tal como o velho Randall, embora os trabalhos que dono e escrava tivessem em mente fossem diferentes. As duas plantações estavam bem abastecidas: noventa negros na metade norte e oitenta e cinco na metade sul. Por isso, geralmente Ajarry tinha

muito por onde escolher, mas, quando tal não acontecia, sabia ser paciente.

O primeiro marido ganhou uma sede enorme por *whisky* de milho e deu em usar aquelas grandes mãos para lhe dar murros ainda maiores. Ajarry não ficou triste ao vê-lo desaparecer estrada fora quando o venderam para uma plantação de cana-de-açúcar na Florida. A sua escolha seguinte recaiu sobre um dos rapazes da metade sul. Antes de ter sido levado pela cólera, gostava de contar histórias da Bíblia, pois o seu anterior dono tinha ideias bastante liberais no que dizia respeito a escravos e religião. Ela adorava as histórias e parábolas e concluiu que os homens brancos tinham um objectivo: falar de salvação pode dar ideias aos africanos, pobres filhos de Cam. O seu último marido ficara com as orelhas em chaga por ter ido roubar mel, e até ele morrer nunca deixaram de deitar pus.

Ajarry deu à luz cinco filhos destes homens, todos eles paridos no mesmo catre da cabana, para o qual apontava sempre que eles se portavam mal: «Foi dali que vocês vieram e volto a pô-los lá se não me ouvirem.» Se os ensinasse a obedecer, talvez acatassem as ordens de todos os donos que pudessem vir a ter e conseguissem sobreviver. Infelizmente, dois matou-os a febre. Um dos rapazes cortou-se num pé enquanto brincava com um arado ferrugento e envenenou-se-lhe o sangue. O mais novo nunca mais acordou depois de um capataz lhe ter batido na cabeça com um cacete de madeira. Uns atrás dos outros. «Pelo menos nunca foram vendidos», foram as palavras que uma idosa disse a Ajarry. O que até era verdade... pois, nessa época, os Randalls raramente vendiam crianças. Sabia-se onde e como é que os filhos iriam morrer. O único rebento que conseguiu ultrapassar os dez anos de idade foi a mãe de Cora, Mabel.

Ajarry morreu no meio do algodão, os flocos fluíram à sua volta como a espuma das ondas em pleno

oceano. Foi a última da sua aldeia, separada dos fios que lhe formavam um nó no cérebro, o sangue escorria-lhe pelo nariz e uma espuma branca cobria-lhe os lábios. Foi ali, mas podia ter sido em qualquer outro lugar. A liberdade estava reservada a outras pessoas, àquelas que viviam na cidade da Pensilvânia, que fervilhava de agitação mil quilómetros mais a norte. Tinham-na avaliado e reavaliado desde a noite em que a raptaram, e todos os dias acordava no degrau de uma nova escala. Se soubermos aquilo que valem, saberemos o nosso lugar na ordem. Escapar dos limites da plantação seria escapar aos princípios fundamentais da existência: impossível.

Foi a sua avó quem falou naquela noite de domingo quando Caesar referiu o caminho da fuga a Cora, e ela lhe disse que não.

Três semanas mais tarde disse que sim.

Desta vez, foi a mãe dela a falar.